



## A História Ambiental na Geografia de Alberto Lamego

Profa. Dra. Inês Aguiar de Freitas\*,  
Fernando Lemas Firmino Pinto\*\*, Rachel  
de Almeida Moura\*\*\*

### Introdução

O pensamento geográfico vive hoje um importante avanço teórico, que tem conduzido a novas maneiras de se pensar nossa disciplina, permitindo, por exemplo, uma investigação mais atenta sobre as idéias de geógrafos do passado. Jesuítas, viajantes, naturalistas, além dos personagens da história de uma “oficialmente reconhecida” geografia, têm sido alvo de re-leituras, as quais as raízes de nossa disciplina tornam-se poderosas ferramentas de auxílio na compreensão de seu presente e na construção de seu futuro. Nesse contexto, defendemos a idéia de que a obra de Alberto Lamego está ligada às propostas fundadoras da Geografia, o que o coloca no grupo citado acima, de autores do passado cujas obras merecem ser investigadas sob um novo olhar. Ao mesmo tempo, sabendo da importância deste autor para a história da geografia fluminense, é que devemos considerar, antes de qualquer coisa, este, um trabalho em história do pensamento geográfico. O que nos chama a atenção é que, além deste aspecto “geográfico”, Lamego pode ser considerado um grande “historiador ambiental” do Estado do Rio de Janeiro ou, no mínimo, fonte de uma História Ambiental de nosso Estado.

Desta forma, o objetivo geral deste trabalho é realizar a releitura de uma das obras de Alberto Ribeiro Lamego: *O Homem e a Guanabara* (1948), sob a ótica da História Ambiental, objetivando ainda: estabelecer um diálogo da geografia com essa disciplina recente, a História Ambiental; e analisar a importância de Alberto Lamego como fonte de uma História Ambiental fluminense.

Esta obra, *O Homem e a Guanabara* (1948), do geólogo e engenheiro de minas fluminense,

### Resumo

A partir de uma nova leitura da obra de Alberto Lamego, autor clássico da geografia fluminense, sob o olhar da História Ambiental, este artigo propõe o estabelecimento de um diálogo da geografia com essa disciplina. Creemos que a História Ambiental apresenta muitos pontos de interesse em comum com a nossa ciência e vice-versa e que, sendo assim, os geógrafos não podem deixar de estar atentos às propostas que os historiadores ambientais trazem para o campo das idéias sobre as relações entre natureza e sociedade.

**Palavras-chave:** Rio de Janeiro, História do Pensamento Geográfico, Natureza, Meio ambiente.

\* Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ. Doutora em Geografia pela Université de Paris IV - La Sorbonne. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Geografia e História Ambiental - NUAGE. E-mail: freitasines@bol.com.br

\*\* Geógrafo. Graduado pelo Departamento de Geografia da UERJ. Participou do Núcleo de Estudos em Geografia e História Ambiental - NUAGE, como bolsista PIBIC / Cnpq.

\*\*\* Geógrafa. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ, sob a orientação da Profa. Dra. Inês Aguiar de Freitas. Graduada pelo Departamento de Geografia da UERJ. Participa do Núcleo de Estudos em Geografia e História Ambiental - NUAGE. Durante a elaboração deste trabalho contou com a bolsa PIBIC / Cnpq.

Alberto Ribeiro Lamego, faz parte de uma série que conta com mais outros três livros – *O Homem e o Brejo* (1940), *O Homem e a Restinga* (1946) e *O Homem e a Serra* (1950) – conhecida como *Os Setores da Evolução Fluminense*.

Este trabalho vem sendo construído no NUAGE – Núcleo de Estudos em Geografia e História Ambiental (projeto de Extensão, na UERJ). Durante três anos, ali desenvolvemos, juntamente com outros pesquisadores, estudos específicos na área de História Ambiental. Essas pesquisas iniciaram-se no ano de 2002, com o levantamento e a criação de um banco de dados sobre autores, artigos e grupos de pesquisa que trabalhavam, de forma direta ou indireta, a temática da História Ambiental, mesmo que não sob essa nomenclatura. Já em uma segunda etapa, foi iniciada a leitura de obras importantes para a História Ambiental, como esta, que é objeto de nosso trabalho.

Este caracteriza-se, assim, como um estudo teórico-metodológico, tendo como base a utilização de fontes secundárias, as quais contemplam assuntos abordados pela Geografia e pela História Ambiental, tais como: natureza e cultura, história da cidade do Rio de Janeiro, história natural, história do pensamento geográfico, história da natureza, paisagem e memória etc.

## 1. O que é História Ambiental?

A História Ambiental é um campo do conhecimento que vem sendo construído há cerca de quinze anos, ligando a história natural à história social. Segundo Donald Worster (1991, p.198), até pouco tempo, o assunto tradicionalmente importante para os historiadores era a política e, conseqüentemente, seu único campo de interesse era o Estado nacional. Ou seja, a história sempre dedicou sua atenção a temas relacionados com o funcionamento das instituições formadoras dos Estados nacionais. Mas, há algum tempo, esse conceito da história começou a perder terreno, na medida em que o mundo evoluiu para um ponto de vista “mais global”. Os historiadores começaram a abandonar um pouco da sua certeza de que o passado tenha sido tão integralmente controlado ou representado por alguns poucos homens ou determinado tão somente por interesses dos Estados. Os estudiosos começaram

a desenterrar camadas longamente submersas das vidas e pensamentos das pessoas comuns, e tentaram reconceituar a história “de baixo para cima” (Worster, 1991), valorizando o estudo do cotidiano e suas relações, destacando assim conceitos como “território” e “territorialidades”. Enfim, aproximando-se de categorias até hoje tão próprias da Geografia.

Na verdade, a História Ambiental é uma disciplina um tanto nova, se comparada a outras disciplinas. Praticada principalmente nos EUA, Austrália e em alguns outros países de língua inglesa, ela nasce a partir do interesse e dos trabalhos de pesquisa de uma pequena comunidade acadêmica, formada principalmente por historiadores e biólogos, vindos de diferentes temas e especialidades. Dentre os principais nomes da História Ambiental atual, podemos citar o grupo formado pelos pesquisadores William Cronon, Donald Worster, Richard White, Stephen Pyne, Warren Dean, Alfred Crosby, Joseph Petulla, Frederick Turner, Roderick Nash, Samuel Hays, Richard Tucker.

William Cronon é historiador e pesquisador em História do Oeste Americano e História Ambiental Americana. Seus trabalhos como historiador ambiental visam o entendimento das relações entre a história humana e o meio natural, aprofundando-se nos estudos de como os seres humanos modificam a paisagem que habitam e como a percepção de natureza dessas populações molda essas relações com o entorno.

Donald Worster, professor de história da Universidade do Kansas, é outro dos maiores pesquisadores em História Ambiental no mundo. Dentre as principais obras desse autor, destacam-se *Nature's Economy* e *The ends of the Earth*, tendo sido, no Brasil, traduzido o trecho *Doing Environmental History*, por José Augusto Drummond (Drummond, 1997).

Esses pesquisadores se organizaram em uma associação profissional, chamada *American Society for Environmental History*, e que publica um periódico, conhecido como *Environmental History*. Segundo palavras do próprio William Cronon, esse grupo de pesquisadores tem por objetivo principal “colocar a natureza na história” (Drummond, 1997).

A proposta básica desses pesquisadores é (acordando com aquilo que os geógrafos postu-

lam há tanto tempo) tornar possível a construção de uma história interessada em tratar do papel e do lugar na natureza na vida humana (Worster, 1991). Com isso, rejeita a premissa de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, sem cair, no entanto, nos exageros do determinismo ambiental.

Ou seja, a História Ambiental relaciona a história natural e social, lembrando que a natureza, o meio ambiente, tem uma grande importância sobre a evolução das sociedades. É uma “nova” forma de se estudar as relações entre homens e natureza, que considera a terra (o meio ambiente) um agente e uma presença na história do homem, servindo ainda uma análise mais global (e útil), na medida em que é certo que os fenômenos que acontecem no meio ambiente não ficam restritos às fronteiras dos Estados nacionais. A História Ambiental deseja ainda aprofundar o nosso conhecimento de como os seres humanos foram afetados pelo seu ambiente natural e, também, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados. Para tal entendimento, do ponto de vista metodológico, a História Ambiental se realiza em três conjuntos de questões.

O primeiro nível de entendimento trata da natureza propriamente dita. Esse nível é construído pelos estudos de como a natureza funciona e de como se organizou e funcionou no passado, do ponto de vista “físico”, “biológico”, “natural”.

O segundo nível trata das relações entre o domínio socioeconômico e o ambiente. São estudadas aqui as ferramentas de trabalho, os modos de produção, as relações sociais, as instituições e as decisões políticas que afetam direta ou indiretamente determinada área. Enfim, preocupa-se, este nível de questões com as relações socioeconômicas, legais e políticas. Ainda neste nível, cabe ao historiador ambiental pesquisar que papel a natureza teve na moldagem dos métodos produtivos e vice-versa, ou seja, que impactos esses métodos causaram à natureza.

Num terceiro nível de questões, o historiador ambiental irá analisar interações exclusivas do ser humano. É um nível puramente mental ou intelectual, onde percepções, valores éticos e mitos, entre outros, passam a fazer parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza. (Estabelece-se aqui a relação entre “paisagem e memória” – hoje tão cara aos geógrafos culturais).

Na verdade, a natureza não é uma idéia, mas sim muitas idéias, significados, pensamentos e sentimentos. A natureza é também uma criação das nossas mentes e, por mais que nos esforcemos para ver o que ela é objetivamente em si mesma, por si mesma e para si mesma, em grande medida caímos presos nas grades da nossa própria consciência e nas nossas redes de significados.

## 2. História Ambiental e Geografia

A História Ambiental apresenta muitos pontos de interesse comum com a Geografia (seja ela “física” ou “humana”) e vice-versa. Os três níveis de questões apontados acima têm relação direta com os objetos da Geografia em geral e seus temas mais recorrentes. Vejamos alguns exemplos: todas as análises realizadas em História Ambiental, até agora, focalizam uma região geográfica com algum grau de homogeneidade natural; há, em ambas as disciplinas, o diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais aplicáveis ao entendimento dos quadros físicos e ecológicos das regiões estudadas; o mesmo se dá em relação ao estudo das interações entre o quadro de recursos fúteis e os diferentes estilos ou níveis civilizatórios das sociedades humanas; a grande variedade de fontes; a necessidade e efetiva realização de trabalhos de campo.

Como apontamos em artigos anteriores (Freitas, 2002, 2003a, 2003b.), a coincidência de propostas da História Ambiental com aquelas já estabelecidas pela Geografia é bastante clara, o que leva a uma necessidade de criarmos um trabalho interdisciplinar com nossos colegas historiadores ambientais. Necessidade que se justifica por ser a História Ambiental uma disciplina que, além de ter como objeto de estudo a natureza, ser ainda pouco estudada, tanto no Brasil, como no mundo.

Assim, justifica-se ainda a utilização de trabalhos de autores do passado que podem ser considerados fontes importantes no processo de constituição desse novo ramo de conhecimento. É este é, sem dúvida, o caso de Alberto Lamego.

## 3. Um pouco sobre Alberta Lamego

Alberto Ribeiro Lamego, também conhecido como Alberto Ribeiro Lamego Jr e Lamego Filho, nasceu em 1896 na cidade de Campos dos

Goytacazes, região norte do Estado do Rio de Janeiro e, ainda criança, se mudou com a família para a Europa. No ano de 1918, forma-se em Geologia e Engenharia de Minas, na Royal School of Mines, do Imperial College of Sciences and Technology, em Londres.

Após o término dos estudos, Lamego retorna ao Brasil, em 1920, e no mesmo ano é admitido no Serviço Geológico Mineralógico do Brasil, atual Departamento Nacional de Produção Mineral, onde será um dos mais importantes geólogos do país. Dentre suas grandes contribuições à geologia, destaca-se a obra *A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo* (1944), onde já indica o potencial petrolífero da região Norte Fluminense, hoje responsável por mais de 80% da produção nacional de petróleo.

Alberto Lamego não será somente um grande nome para a geologia, mas também para a geografia fluminense. Isso porque, entre as décadas de 1940 e 1950, publica aquelas que serão consideradas suas obras-primas: uma série de livros de cunho sociogeográfico que aborda, em uma síntese fascinante, desde as escarpas da Guanabara e a geologia de Campos até as populações que ali residiam ou residem até hoje, seus hábitos e sua cultura. Essa série de livros é conhecida como *Os Setores da Evolução Fluminense* e está dividida em: *O Homem e o Brejo* (1940), *O Homem e a Restinga* (1946), *O Homem e a Guanabara* (1948) e *O Homem e a Serra* (1950).

No entanto, sua obra geográfica será alvo de intensas polêmicas, durante a época do radical movimento de renovação pelo qual passou a Geografia, no final dos anos de 1970 e ao longo dos 80. Durante esse tempo, sua obra foi menosprezada e Lamego, acusado por grande parte dos geógrafos de “fazer a Geografia do poder”, já que vinha de uma tradicional família do norte fluminense.

Porém, dentro do espírito de sua época, Lamego foi um mestre. Hoje, sua obra tem tido o merecido reconhecimento pelo seu imenso valor e pela sua importante contribuição para o desenvolvimento da Geografia. Alberto Lamego é, hoje, novamente fonte de consulta, leitura primeira e obrigatória para a compreensão da geografia física e humana do Estado do Rio de Janeiro e, também, fonte de inspiração para jovens geógrafos brasileiros.

As bases conceituais que fundamentam a obra de Lamego são muito ricas e muitas matrizes teóricas são reconhecíveis em sua obra, a partir de uma análise mais apurada. Apesar de suas obras datarem já da primeira metade do século XX, é reconhecida a influência que sofreu de geógrafos do final do século XIX e do início do século XX, como Eric Dardel, Elisée Reclus e, principalmente, Vidal de la Blache.

De Eric Dardel, Lamego herdou o gosto pelas relações entre o homem e a terra, a crença de que o primeiro é herdeiro direto desta e que existiria quase que um “destino comum” que uniria a terra e o homem ao longo do tempo, construindo, juntos, as sociedades, a cultura e a história. Um influenciando e quase determinando o outro.

Lima et alii (2003, pp. 37-38) lembram a influência de Reclus e sua obra *A Terra e o Homem*, em Lamego. Seguindo o modelo do geógrafo francês, que analisa a realidade em seu entorno como sendo o produto da interação entre três principais fatores, a terra, o homem e a obra humana, Lamego vai estruturar cada um de seus livros da tetralogia *Os Setores da Evolução Fluminense*, em três principais capítulos: a terra, o homem e a cultura. Como vemos, essa estrutura corresponderia exatamente aos três grandes grupos de questões propostos para a metodologia da História Ambiental.

Outra influência do geógrafo anarquista Reclus sobre Lamego encontramos na sua defesa pela unidade da Geografia. Para ele, a Geografia se tratava de uma única ciência, opondo-se veementemente à dicotomia Geografia física e Geografia humana. Assim como Reclus, Lamego estudou a natureza ao mesmo tempo em que analisou as transformações do homem sobre ela. Esta idéia encontra-se impressa em toda a obra de Lamego, podendo ser evidenciada até mesmo na estrutura de cada livro.

Primeiramente, na categoria Terra, Lamego faz uma detalhada descrição da região estudada, ressaltando sempre seus aspectos físicos. Nessa categoria, vão ser estudados os processos formadores do relevo regional e sua evolução até a atual conformação, como que descrevendo o cenário onde a ocupação e atuação humana vai ocorrer. Isto feito, Lamego segue para a próxima categoria, na qual é estudado o elemento huma-

no e sua ação sobre a natureza. Nesta categoria, *O Homem*, Lamego apresenta ainda um estudo da ocupação e transformação da região por parte do homem. A obra é finalizada com a categoria A Cultura, na qual se analisa a cultura regional, descrevendo sua formação e apontando suas condicionantes.

A influência mais clara talvez resida naquela vinda do também geógrafo Paul Vidal de la Blache. A exemplo deste francês, Lamego apresenta seus temas a partir da relação homem-meio na perspectiva da paisagem. Alicerça-se na preocupação em dividir o espaço fluminense em quatro grandes regiões – a Serra, a Guanabara, a Restinga, o Brejo – e segue tão de perto as idéias lablachianas que acaba por descrevê-las e interpretá-las sobre a base, não só da diferenciação espacial que observa – base subjetiva, porém essencial, da regionalização francesa – mas, principalmente, vê as regiões como resultado de uma comunhão total entre o homem e o meio, construindo gêneros de vida únicos e exclusivos sobre a terra. Enfim, Lamego apresenta à humanidade possibilidades históricas segundo o estado da técnica. A apropriação e o uso do território em meio à consolidação da sociedade se traduz, dessa maneira, em conseqüências socioespaciais que se acumulam no tempo.

#### 4. Uma análise de *O Homem e a Guanabara à luz da História Ambiental*

Com uma leitura, na época, bastante original sobre o Rio de Janeiro, Lamego regionaliza o Estado em busca dos *gêneros de vida*. Lembramos que *região* possui diversas significações. Seu sentido, no senso comum é o de unidade administrativa. Todavia, o conceito de *região geográfica* extrapola essa concepção.

Inicialmente, a Geografia utilizava-se da *região* como *região natural*, que, segundo Corrêa (1987, p. 24), é um “ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são interagentes”. Nesse sentido, ao analisar a definição de *região* em Lamego, percebe-se que o autor utiliza-se de muitos critérios naturais para a sua delimitação: o brejo, a restinga, a Guanabara e a serra. Contudo, quando este aprofunda sua análise do espaço regional, na verdade, passa a considerar o espaço como uma síntese do ambiente natural com o uso que o homem dele faz, a partir de uma

perspectiva histórica. Isto nada mais é que a região geográfica definida por Vidal de La Blache (Simões e Ferreira, 1986).

Desta forma, Lamego considera o ponto formador de uma região os diferentes momentos históricos de uma gente em luta contra o meio e a própria natureza, fazendo surgir diversos cenários locais, que dão origem a uma série de paisagens humanizadas, resultando, para o autor, nas quatro grandes regiões do Estado do Rio de Janeiro – o Brejo, a Serra, a Guanabara e a Restinga.

A região reconhecida por Lamego como “Guanabara” foi objeto da obra *O Homem e a Guanabara*, de 1948, sendo a terceira da série *Os Setores da Evolução Fluminense*.

No prefácio, Lamego faz uma coletânea de citações que exprimem a impressão de diversos autores e viajantes sobre a paisagem carioca, ao longo de mais de um século. A partir daí e seguindo o modelo de estruturação inspirado, como sabemos, em Elisée Reclus, Lamego faz um aprofundado estudo histórico-geográfico-cultural da Guanabara.

No primeiro capítulo, o autor apresenta um estudo pomenorizado das principais formações geológicas encontradas na Guanabara. Em quase cem páginas de textos, mapas, fotografias, esquemas e perfis geológicos, faz um grande apanhado sobre as margens da Baía de Guanabara, as ilhas e a origem e evolução da Baía. Sobre a margem ocidental, Lamego traçará um estudo sobre a petrografia; a estratigrafia e a tectônica dos grupos Pão de Açúcar, Corcovado, Gávea, Providência e dobra de Santa Teresa e sobre a geomorfologia, onde falará das causas tectônicas, da esfoliação térmica, da ação bioquímica do líquen, da morfologia do Pão de Açúcar, terminando com uma síntese geomorfológica da região. Já sobre a margem oriental, ou seja, a região que compreende Niterói e São Gonçalo, Lamego tratará das rochas primitivas na geomorfologia da Guanabara, além das eruptivas filonares básicas na tectônica da Guanabara. Sobre a margem setentrional, o que hoje compreenderia a região da Baixada Fluminense, o autor faz uma breve descrição fisiográfica e geológica. A partir daí, Lamego traça um panorama geológico-geomorfológico sobre as ilhas da região da Baía além de um estudo sobre a origem e evolução da Guanabara. O autor finaliza o primeiro capítulo

fazendo uma síntese fisiográfica onde, mesmo em um capítulo estritamente técnico, não abandona a característica de sempre: conciliar homem e meio numa eterna relação de influência.

No segundo capítulo, "O Homem", Lamego trata da evolução do homem sobre os mais diversos ambientes aqui encontrados. Partindo da descoberta e da sua conseqüente conquista, o desenvolvimento dar-se-á sobre o morro, a restinga, o pântano e o recôncavo. Finalizando esse capítulo, traça um panorama histórico do litoral sul fluminense (Angra dos Reis e Parati).

Finalizando a obra, em seu terceiro capítulo, Lamego tratará da cultura e das relações entre o homem e a Guanabara. A relação tão próxima desses dois fatores fica marcante em diversos trechos da obra, como este a seguir:

O meio e o homem numa interação contínua através de trezentos anos de antagonismos inconciliáveis, puderam enfim acomodar-se. Os fatores (sic) geográficos obstrutivos da cultura, conquanto ainda persistam em escala que supera os recursos econômicos regionais para sua completa eliminação, já se não levantam com a tremenda virulência primitiva, desalentadora dos esforços mais tenazes (Lamego, 1948, p.183).

A seguir, vejamos o trabalho de Lamego pelos três níveis de questões da História Ambiental.

Neste, como em todos os seus trabalhos, o autor deixa bem claro a necessidade do estudo do meio físico para o embasamento de suas outras linhas de análise.

Eis aí em breves traços a baía majestosa, de suntuosidades paisagísticas inenarráveis. Contentemo-nos com analisá-la friamente, buscando nas investigações científicas qual a origem da sua morfologia extravagante, eterna fonte de arrebatamentos artísticos e núcleo geográfico inigualável doado ao Brasil pela natureza, para o governo e a centralização da sua cultura dispersa sobre um tão imenso território (Lamego, 1948, p.4).

Apesar de, no trecho acima, Lamego apresentar o Rio de Janeiro e sua paisagem de uma maneira um tanto quanto romântica, os estudos apresentados deste primeiro capítulo, "A Terra" são de grande importância até hoje para o estudo da geomorfologia da cidade do Rio de Janeiro.

A tarefa de sua análise geográfica e regional da terra fluminense, partindo da base física

de cada setor, tem a finalidade de atingir uma completa compreensão da terra, para, a seguir, nela verificar a adaptação do homem. Isto é aquela mesma análise proposta, hoje, pelo primeiro nível de estudos da História Ambiental, que afirma que o primeiro passo para se fazer História Ambiental de uma dada área é estudar o meio físico. Mesmo que não seja para se aprofundar nessa linha de pesquisa, o estudo do meio é de importância fundamental para o entendimento e o aprofundamento do que diz respeito ao homem, suas relações com a terra, entre outros fatores. Nesse sentido, o fragmento abaixo exemplifica esta visão do autor:

A ocorrência mostra como em certos casos a própria vida de uma população urbana e o crescimento de uma cidade subordinam-se a estruturas geológicas. Sem o sinclinal do morro da Boa Vista e sem os atributos petrográficos de suas rochas, permitindo a sua decomposição em massa tão altamente porosa, não teria Niterói êsse (sic) natural reservatório d'água, sem o qual não poderia a cidade evolver nos quatro primeiros séculos de sua formação (Lamego, 1948, p.67).

E no próximo extrato, citado a seguir, onde o meio sempre influenciando a fixação de população ao longo do território fluminense, Lamego deixa claro, não somente nessa obra, mas em todas as outras, que a população fluminense sempre lutou ferrenhamente contra as imposições do meio, que tentavam impedi-la de se fixar. Mas que isso não foi suficiente e ela, finalmente, se impõe, vencendo e se estabelecendo.

Além, sobre a infecundez dos areais, vimos a avareza da terra dispersando o homem. Anulando interesses agrários, espalhando comunidades por mediocres núcleos contemplativos agachados à beira de pequenos rios ou à margem das lagunas, numa espera tri-secular de vitalizações externas. Fraco lhes foi o estímulo das próprias zonas que centralizavam, e incapaz de os enervar de vigorizantes energias para um progresso acelerado (Lamego, 1948, p.108).

Então, o homem vence o meio. Assim como as populações mexicanas e de Amsterdã, o povo carioca lutou fortemente para conseguir se fixar.

È nisto sobretudo, que este homem vai tornar-se formidável na peleja contra o meio; na solidificação de um solo encharcado; no estender centenas de quilômetros quadrados de uma grande cidade

sobre um pântano. A não ser possivelmente o México, construída sobre um antigo lago dessecado pelos espanhóis, e onde o subsolo requer drenagens permanentes, e Amsterdam erguida sobre (sic) estacas nos lamaçais do Zuiderzee, nenhuma outra grande capital teve de empenhar-se em problemas tão difíceis para a fixação de seus alicerces. (Lamego, 1948, p.124)

Desta forma, o autor passa por questões inerentes ao segundo nível da análise em História Ambiental. Os trechos abaixo são alguns exemplos de sua abordagem histórica, imbuída da dimensão socioeconômica:

Pode-se pois dizer que, não obstante a limitação da cidade aos quatro marcos orográficos da Conceição, de Santo Antônio, de São Bento e do Castelo, toda a futura área do Distrito Federal fora descoberta e possuída pelo carioca do segundo século, graças a cana-de-açúcar e a pecuária, principais instigadores da penetração (Lamego, 1948: 132).

[...] foi a busca de pastarias nativas para o gado necessário aos engenhos do recôncavo que, originariamente, motivou, com a descoberta das planícies do baixo Paraíba, a grande indústria açucareira campista. (Lamego, 1948, p.144).

Por fim, o terceiro nível da História Ambiental apresenta-se no terceiro capítulo conclusivo deste livro, onde Lamego busca demonstrar como os elementos naturais se conjugaram com outros para forjar a alma carioca:

Tão íntima foi no Rio a associação da terra ao homem que se diria entrever-se no Grande Mistério das origens a conjugação dos mais secretos impulsos criadores do meio telúrico, para projetarem uma estrutura geológica e um ambiente geográfico em plena harmonia com a futura psicologia do habitante (Lamego, 1948, p. 246).

O autor analisa toda a história de ocupação de um meio físico abundante em obstáculos apenas para mostrar as decorrentes características psicológicas de seus habitantes. Este esforço por demonstrar a importância dos elementos naturais na formação da cultura tem seu ponto culminante no derradeiro item denominado *Sinfonia Carioca*, onde o samba figura como a expressão máxima que surge de uma cultura intrinsecamente ligada ao meio. Por essa razão, Lamego (1948, p. 252) nos diz que “o samba é a música e a dança dos contrastes. A síntese do homem e da

paisagem cariocas. É ele um cântico natural da terra”. Mais adiante, completa: “...em seus acordes paradoxais, sinfonizam-se os fatores extremos de uma topografia caótica de relevos.”

Em suma, Lamego percebe no Rio de Janeiro mais do que um reflexo das atividades econômicas do interior, entendendo a cidade como uma cultura única, resultado do meio físico e do homem que nela habita. Influenciado pela escola francesa da Geografia, busca uma síntese regional que se realiza a partir da cidade. No entanto, avança no estudo de uma História Ambiental, podendo ser visto como um pioneiro desta disciplina no Brasil. Assim, ao buscarmos os textos clássicos da Geografia fluminense (como os do autor), podemos contribuir para uma história da Geografia do Rio de Janeiro que inclua um pouco desta disciplina tão recente – a História Ambiental.

## Conclusão

Diante do novo paradigma que se configurava para a ciência – a complexidade – que nos leva a tentar compreender os fenômenos a partir de uma abordagem interdisciplinar que contemple suas diversas dimensões, inter-relacionando-as, é que este trabalho procurou desenvolver um diálogo entre a Geografia, ciência essencialmente interdisciplinar, e a História Ambiental, saber igualmente baseado na interdisciplinaridade. Nesse sentido, busca-se portanto realizar um intercâmbio, uma cooperação, entre diversas disciplinas, partindo-se para a construção de projetos com base em objetos de conhecimento transdisciplinares. E este é exatamente o caso do estudo em Geografia que apresentamos aqui: realizamos um estudo em História do Pensamento Geográfico, conduzindo nossa análise de um autor clássico da Geografia brasileira pelo olhar de uma disciplina “nova” – a História Ambiental.

A releitura da obra deste autor nos permitiu descobrir que seu trabalho não contempla ou contribui apenas para o primeiro nível de questões da História Ambiental – questões estas relativas a uma história natural –, as quais permitem a interconexão com os saberes empíricos advindos da Geografia Física, como, por exemplo, seu excelente estudo geomorfológico do Estado do Rio de Janeiro. Mas demonstramos também

como o autor trata do segundo nível de questões ditados por essa disciplina – a apropriação material do espaço, sua economia e estrutura social, originadas a partir das adaptações do homem ao meio, em um processo histórico. E, ainda, provamos que ele foi capaz de realizar com muita propriedade uma análise geográfica pertencente, poderíamos dizer, ao terceiro nível de questões da História Ambiental, aquele que fala da memória e de suas relações com a paisagem, e de como tais relações construíram a “alma” do povo fluminense. Assim, segundo Lamego, entender o meio físico é fundamental para conhecer as relações entre o homem e a natureza, pois o meio irá impor restrições, possibilidades e direções ao desenvolvimento humano, o que justamente entende a História Ambiental, ao tratar do lugar da natureza na história humana.

Em suma, Lamego percebe o Rio de Janeiro como mais do que um reflexo das atividades econômicas, entendendo nosso Estado com suas diferentes culturas, resultado do meio físico e do homem que nele habita. Influenciado pela escola francesa da Geografia, realizou uma síntese regional, avançando, sem o saber, no estudo de uma futura História Ambiental, podendo ser visto como uma excelente fonte de pesquisa e inspiração para os historiadores ambientais do Rio de Janeiro.

## Natas

Este trabalho contou com o auxílio da FAPERJ, através do programa Primeiros Projetos, concedido à Professora Inês Aguiar de Freitas, entre 2004 e 2006.

## Referências Bibliográficas

CORRÉA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1987.

CRONON, William. *Changes in the Land: Indians, Colonists and the Ecology of New England*. New York: Hill & Wang, 1983.

CRONON, William (ed.). *Uncommon Ground: Toward Reinventing Nature*. New York: W.W. Norton, 1995.

CRONON, William. The Trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature. In *Environmental History*, Jan. 1996, pp. 7-28.

DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1997.

FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. *A evolução do pensamento geográfico*. Lisboa: Gradiva, 1986. 8ª edição.

FREITAS, Inês Aguiar de. Geografia Física e História Ambiental – novos caminhos, antigas trilhas. *Anais do X Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada*, Rio de Janeiro, Novembro de 2003.

FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia Cultural: Natureza e Cultura como chaves para o entendimento do nosso tempo. *Anais da Conferência Internacional da UGI “Dimensões Históricas das relações entre Espaço e Cultura” - Rio de Janeiro Conference*, Junho 2003. (CD-Rom)

FREITAS, Inês Aguiar de. A Geografia na construção de uma História Ambiental brasileira. *Boletim Goiano de Geografia*, Vol.22, n. 2, Jul/Dez 2002. p. 155-168.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro, 1940.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Restinga*. Rio de Janeiro, 1946.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Guanabara*. Rio de Janeiro, 1948.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Serra*. Rio de Janeiro, 1950.

LIMA, Diogo et ali. O Estado do Rio de Janeiro na obra de Lamego. In: MOREIRA, Ruy (org.). *A Reestruturação Industrial e Espacial do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: PPGeo-UFF/CNPq, 2003. Pp. 37-70.

WORSTER, Donald, ed. *The Ends of the Earth. Perspectives on Modern Environmental History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

WORSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.4, n. 8, p. 198-215. 1991.

## Abstract

From a new view of the work of Alberto Lamego, classic geographer from Rio de Janeiro State, under the view of environmental history, the aim of this article is to provide a dialogue between geography and this discipline. We believe that environmental history has many subjects and many points of interest in common with our science and vice versa. We believe that geographers have to be attentive to the proposals that environmental historians bring to the field of the ideas concerning the relations between nature and society.

**Keywords:** Rio de Janeiro, History of Geographical Thought, Nature, Environment.